

Lula toma café na rua com agricultor

A mesa farta montada para dar início ao 5º Grito da Terra Brasil tinha até lingüiça, mortadela, mel, vinho, frutas e verduras

Yone Simidzu
Especial para o **Correio**

São Paulo — O candidato do PT à Presidência da República, Luiz Ignácio Lula da Silva, comeu pão e queijo trazidos por aproximadamente mil pequenos agricultores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul para um café da manhã nas escadarias do Teatro Municipal, no centro de São Paulo. Seu vice, Leonel Brizola, preferiu saborear um pedaço de lingüiça.

O café da manhã, organizado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), faz parte da agenda de campanha de Lula, que esta semana é dedicada à agricultura e que vai encerrar com a divulgação do programa de governo da frente de esquerda que o apóia, durante o encerramento do 5º Grito da Terra Brasil, quinta-feira, em Brasília.

Lula chegou pouco antes das 10h ao café da manhã, que teve a participação do casal Marta e Eduardo Suplicy, candidatos respectivamente ao governo do estado e ao Senado pelo PT. Famintos, alguns agricultores que haviam saído em caravana de suas cidades no domingo para participar do Grito da Terra e alguns meninos de rua não esperaram o candidato e começaram a beliscar a comida colocada sobre uma longa mesa coberta com toalhas brancas, na calçada em frente ao teatro. Além do pão, do queijo e da lingüiça, tinha leite, café, mortadela, mel, vinho, frutas, verduras e legumes.

Os agricultores vieram em 30 ônibus, acompanhados de crian-

ças e até de um peru engravatado, uma alusão ao presidente Fernando Henrique Cardoso — porque “canta, canta, mas não faz nada”. Escolhida pelos agricultores para presentear Lula e Brizola com uma cesta de alimentos, Elizabete Tonetto, de 22 anos, veio de Capanema (PR), onde sua família perdeu 70% da safra de feijão por causa das chuvas. “A gente não tem dinheiro para comprar sementes, mas os empréstimos não compensam por causa dos juros altos”, disse.

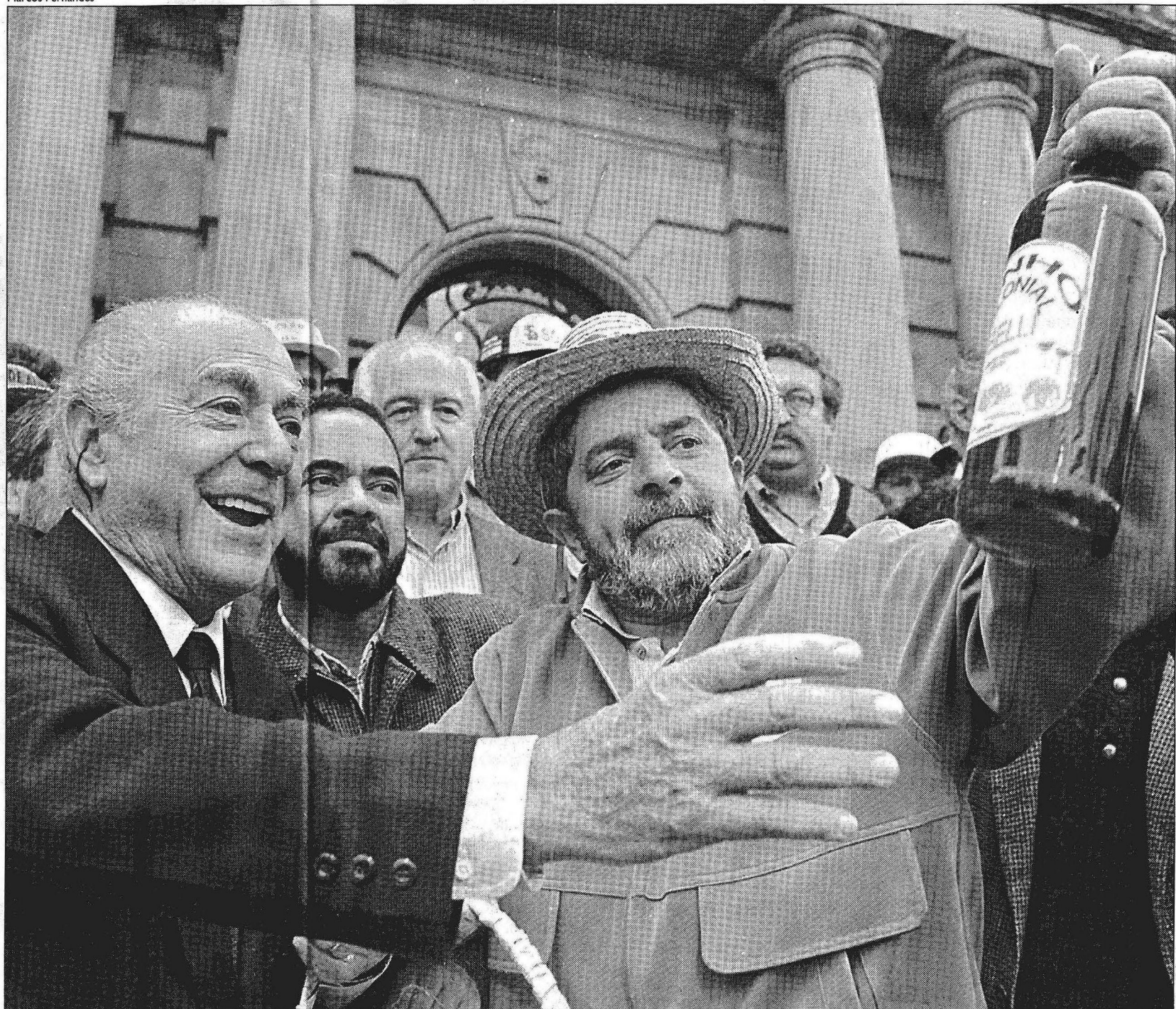
O programa da frente de esquerda para a agricultura dará prioridade ao pequeno produtor familiar. “Cada tonelada de alimentos que importamos significa um agricultor perdendo sua terra”, disse Lula, criticando a política de importações de alimentos do governo.

DESEMPREGO

Segundo o secretário de Formação Sindical da CUT, Altemir Tortelli, agricultor em Ponte Preta, município de cinco mil habitantes na região norte do Rio Grande do Sul, nos últimos quatro anos, 400 mil famílias perderam suas pequenas propriedades por causa da política agrícola do governo. “Elas acabam vindo para as cidades engrossar as estatísticas do desemprego”, atacou.

É o que mais teme Silvestre Sérgio Cachanoski, de 36 anos, que chegou em São Paulo às 5h da manhã, depois de 17 horas de viagem. Ele deve R\$ 3.000,00 aos bancos de empréstimos que tomou há dois anos para financiar a produção de trigo, soja, milho e feijão nos cinco hectares que ele e sua família têm em Áurea (RS). “Perdi tudo por causa da chuva e os juros são muito elevados.”

Marcos Fernandes



Lula mostra garrafa de vinho a Brizola e critica o governo: “Cada tonelada de alimentos que importamos significa um agricultor perdendo a sua terra”

Os agricultores reivindicam R\$ 2 bilhões para o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) Especial, beneficiando produtores com renda bruta de até R\$ 8 mil por ano e que trabalhem com a família na propriedade; crédito para o custeio das safras e para investi-

mento, sem juros, e desburocratização do processo de concessão dos financiamentos, através das cooperativas de crédito. Também querem assistência técnica e anistia para os financiamentos do crédito de emergência dados em 1996 devido às enchentes e à estiagem na região Sul e renegocia-

ção das dívidas do Pronaf por causa de perda das safras devido às intempéries.

Os empréstimos concedidos pelo Pronaf são de 6% ao ano, patamar que o secretário de Formação Sindical da CUT considera alto em relação à inflação. Em 1994, ano em que ocorreu o 1º Grito da Terra,

o primeiro programa oficial voltado para a agricultura familiar, o Provap, concedia empréstimos a taxas de 4% ao ano, sem correção monetária, e garantia de pagamento de preço mínimo para a produção. No ano seguinte foi criado o Pronaf, com juros de 12%, que foram caindo nos anos seguintes.